

E ditar, produzir e fazer circular livros que possam colaborar com a melhoria do ensino no Brasil, estabelecer uma ponte entre a produção do conhecimento e a sociedade. Promover a circulação do saber, enfim. Esta tem sido, desde o início, a preocupação da Editora Contexto.

Boa leitura!

Siga-nos:



www.editoracontexto.com.br



SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
O FANTASMA DA EXTREMA-DIREITA	15
Cego é quem não vê	15
Mais vale um africano morto	26
Uma história (quase) banal	29
Encontro com Tayodjo	35
Brincando com fogo	38
Os europeus hipnotizados	46
<i>Le droit de vivre ensemble</i>	55
The Movement	57
BRASIL ÀS AVESSAS	71
Mais valem	71
FHC jogou a biografia no lixo	78
De anão diplomático a pária	80
O STF rasgou a Constituição	85
Moro, o falso Di Pietro brasileiro	87
O erro de Lula, segundo seu “irmão”	92

DE CHARLIE A ARAFAT	97
Flor que se cheire.....	97
Caminhando pelo espaço-tempo.....	101
A festa da liberdade.....	103
<i>Je suis Charlie</i>	104
Nada justifica o inaceitável.....	111
Obra do acaso.....	114
BECO SEM SAÍDA	119
Um minuto só.....	119
Crónica de uma catástrofe anunciada.....	126
Revisionismo.....	127
Som, sabor e desencontros.....	131
Imagens tristemente reais.....	136
ADMIRÁVEL VELHO MUNDO NOVO	139
A Europa face aos perigos do mundo.....	139
Mostar, a ilusão perdida.....	140
Déficit de felicidade.....	143
A dança antipatriótica de Trump.....	145
A uberização do mundo.....	147
O milk-shake esquizofrênico.....	150
A ponta visível do <i>iceberg</i>	152
<i>E la nave va</i>	153
As ideologias obsoletas.....	155
Imprensa inimiga do povo.....	156
<i>Danger dans la demeure</i>	159
O moderninho da Arábia.....	161
Até o Big Ben entrou em parafuso.....	163
O mundo mais próximo do apocalipse.....	165
A nostalgia lusitana.....	166

MASTROIANNI, DENEUVE, DALÍ E EU	169
Melampo.....	169
Salvador Dalí, um masturbador escroque.....	172
“A MÚSICA COMEÇA ONDE TERMINA A PALAVRA” (NIKOLAI LUGANSKY, PIANISTA RUSSO)	177
Belas e talentosas	177
<i>Lohengrin</i> , Wagner e o nazismo	181
Salvar o mundo.....	184
Rosh Hashaná no paraíso	187
O AUTOR	189

INTRODUÇÃO

Lembro-me como se fosse ontem do dia em que ganhei meu primeiro transistor, um Spica ST-600 “The King of Transistor Radios”, fabricado pela Sanritsu, importado do Japão. Foi no início da década de 1960. Com o radinho de pilha novinho em folha grudado no ouvido, saí para encontrar os amigos. Ao contrário de sempre, naquela tarde não jogamos futebol na rua de terra batida. Sentados na mureta da casa dos irmãos Eduardo e Murilo, filhos de um diretor das Organizações Victor Costa (canal 5, futura Globo), passamos horas ouvindo os sucessos musicais – o rock de Elvis Presley, os primeiros passos da bossa-nova, os Beatles, a Jovem Guarda – no Pickup do Pica-Pau da Bandeirantes, na voz do saudoso Walter Silva, descobridor de Elis Regina. Era a maior audiência do rádio paulista.

Naquela noite, dormi agarrado ao meu radinho, como se fosse a pelúcia de estimação. Acariciava a capa de couro marrom, olhava para os números no dial, que indicavam as estações, tirava a proteção para ver a fachada de metal dourado. Tocava baixinho, debaixo do travesseiro, para que meus pais não ouvissem. Senão era bronca na certa.

Muitas outras noites assim se repetiram. E que prazer acordar com o Trabuco de Vicente Leporace comentando as notícias do dia, saídas do forno naquela voz tão particular!

“Seu Leporace e agora com o Trabuco vai comentar as notícias dos jornais, Seu Leporace e agora com o Trabuco vai dar um tiro nos assuntos nacionais”; cantarolava o jingle do programa que permaneceu no ar por 16 anos.

Muito do que ele dizia eu era incapaz de entender, mas aquilo me soava como um oásis e, sem que percebesse, traçava meu caminho.

No som do rádio, vivi várias das maiores emoções da minha vida: o campeonato mundial de 1958, o lançamento do Sputnik 2, levando a bordo a cadela Laika (nome com o qual batizei minha cachorra), a primeira viagem espacial em torno da Terra, por Yuri Gagarin, em 1961, o assassinato de John Fitzgerald Kennedy, em 1963, e o de Martin Luther King, em 1968, o Golpe Militar de 1964, a Guerra dos Seis Dias, em 1967. Foi um companheiro constante, ou melhor, onipresente.

Cinquenta anos depois, constato: do rádio nunca mais me separei.

Quando comecei a trabalhar, ele se impôs como um caminho quase natural, incentivado por três mestres: Fernando Vieira de Melo, que após um primeiro teste desastroso, seguido de troca de xingamentos em que minha mãe foi a principal vítima, mandou o querido motorista Azeitona me pegar em casa para cobrir o trânsito da manhã paulistana, ao lado de Milton Neves, foca como eu; Marco Antonio Gomes, que me ensinou que não há pautas ruins, apenas pautas mal trabalhadas; e Milton Parron, o “repórter da cidade”, herói que salvou várias vidas do Joelma em chamadas ao orientar os bombeiros ligados na Jovem Pan, e que hoje vive amargurado, jogado às traças numa saleta de arquivos sonoros do grupo Saad, esquecidos como ele.

Na França, participei das experiências de todas as emissoras que apostaram, na contramão da nossa cultura midiática, que o Brasil não é uma ilha, longe das turbulências que afetam o mundo: Capital, Excelsior, Record, Eldorado, CBN e, enfim, Bandeirantes, cujos microfones dividi com ícones como Salomão Ésper, José Paulo de Andrade, Hélio Ribeiro, Joelmir Beting, Alexandre Kadunc, Heródoto Barbeiro, entre tantos outros.

Durante 13 anos, fui também redator-chefe da Rádio França Internacional, que teve na época a maior redação brasileira fora do país, por volta de 30 pessoas. Eram três horas de programação diária, jornadas intensas e estressantes, que terminavam invariavelmente com os braços voltados para o céu, agradecendo mais um milagre.

Fausto Silva, o Faustão, companheiro da Jovem Pan, comentou, no dia do meu primeiro artigo assinado no *Jornal da Tarde*, que o texto impresso valia muito mais que as palavras ditas ao microfone, tão logo esquecidas. Engano de juventude! Ele hoje certamente reconheceria, assim como eu e todos aqueles que um dia falaram na “latinha” (nome afetoso dado ao microfone), que do lado esquerdo do peito bate um rádio.

Faustão, no entanto, tem direito ao indulto, pois estava em boa companhia, a de Jean-Paul Sartre. Consta que no dia 26 de maio de 1944, o filósofo existencialista, furioso, entrou no teatro parisiense Vieux-Colombier, jogou o texto no palco e declarou aos berros:

– Esta encenação não vale nada! Isso sim que é importante, o livro.

Naquele momento, os atores realizavam o último ensaio da peça *Huis Clos – A portas fechadas*.

Pouco a pouco, ao som do rádio, na esteira de Leporace e seu Trabuco, as letras se encaixam como num *puzzle*, compõem frases e deságuam em histórias de vida. Nesse giro pelo passado, penso o presente de uma Europa que se tornou minha casa, viveu 70 anos em paz e agora está ameaçada de desintegração pelos populismos de toda sorte.

Fiel ao rádio, ligado na frequência 101.1 FM da rádio Classique, entre música clássica e notícias, volto ao computador para contar e sondar o mundo que me cerca. Sem pessimismo, mas com um realismo febril.